

PARANGOLÉ

Leandro Medrano

Mais uma vez a cidade é tema em destaque na *Revista Pós*. O que pode ser natural quando consideramos a enorme distância que se fez entre nossa arquitetura e os processos de urbanização iniciados em meados do século 20, mesmo quando considerados seus momentos mais iluminados. Ou seja, quando o Brasil avança em direção a uma sociedade industrial e moderna, não deixa de recorrer à arquitetura e ao design como instrumentos de afirmação dessa almejada condição econômica, política e cultural. Contudo, as cidades tiveram que resignar-se a um plano secundário de acomodação circunstancial, adaptado às estratégias e interesses do mercado e a lógica espacial de uma geografia social marcada pela segregação. Mas, é justamente nas cidades que se pode compreender as impossibilidades estruturais de nosso projeto de modernização, pois, caracterizadas por paisagens disformes, frágeis espaços públicos e profícuos redutos condominiais, nelas se evidenciam os contrastes de uma sociedade desigual e com graves problemas urbanos.

Nesse sentido, aos anos que seguem à construção de Brasília, ou seja, ao fim do período áureo de nossa Arquitetura Moderna, dá-se início às revisões ou mesmo questionamentos em relação às decorrências dessa “modernidade” incompleta. Os movimentos políticos e sociais de luta por pautas urbanas intensificam-se e ganham espaço nas diversas esferas de atuação profissional e nas pesquisas acadêmicas, o que resultou em conquistas significativas expressas, por exemplo, na Constituição de 1988 e no Estatuto das Cidades. No campo das artes também é possível identificar iniciativas que buscavam aproximar os temas nacionais com o ambiente de renovação teórica e cultural daqueles anos, e assim alinhar as questões do Brasil ao contexto das “vanguardas”, como o faz, por exemplo, o artista Hélio Oiticica. Quando apresenta seus parangolés e penetráveis, a partir dos anos 1960, reafirma uma dimensão da arte que passa pela dimensão do corpo, e por isso não se faz objeto de contemplação visual, mas, sim, experiência sensível ao percurso, ao tempo, a matéria e ao espaço. Uma arte situada, impossível de existir sem interação com o espectador, ou sem o impulso pela superação das normas estéticas canônicas. Não obstante, são recorrentes as interpretações relacionadas ao enfoque urbano dessas intervenções, que exploram justamente as contradições entre a obra, sua forma e as dimensões do espaço definido pelo corpo em movimento, pela ideia de lugar, sua história e posição política.

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.v24i43p8-9](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.v24i43p8-9)

Pós, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 24, n. 43, p. 8-9, 2017

Também no contexto internacional, ainda nos anos 1960 e 1970, diversas manifestações atentaram para as novas subjetividades representadas tanto por práticas cotidianas quanto por instrumentos disciplinares relacionados às questões do urbano. A confluência entre o *plano* e suas consequências espaciais seriam entendidas em seus matizes ideológicos, que revelavam, para além do discurso, uma realidade prática repleta de contradições. Nesse contexto, Henri Lefebvre definiria sua célebre tríade teórica que conceitua os espaços *vivido*, *percebido* e *concebido*. Termos ainda hoje em debate na literatura especializada da área do urbanismo, do desenho urbano e do planejamento urbano, pois tornaram-se importantes instrumentos para o entendimento da complexidade de agentes que atuam nas definições dos espaços do cotidiano. Ademais, as recentes interpretações dessa tríade atentam para os conflitos urbanos que afetam as cidades contemporâneas, resultantes de um processo de transformação não equacionado nem pelo urbanismo tradicional nem por suas formas alternativas que surgem dentro e fora da disciplina (o ativismo *botton-up* etc.). Tais conflitos afetam também a arquitetura e o design, cujo estreito vínculo com os interesses do mercado e com os mecanismos de consumo fazem com que suas expressões mais evidentes sejam apaziguadas de conteúdo crítico — enquanto suas formas alternativas e socialmente engajadas são reduzidas a performances voluntárias e cada vez mais raras.

O retorno a certos temas dos anos 1960 parecem fomentar novos diálogos no campo das pesquisas teóricas e novos instrumentos às pesquisas empíricas, o que se reflete na atual produção acadêmica na área da arquitetura, do urbanismo e do design. O “pensamento único”, em relevo desde o início dos anos 1990, fragiliza-se após o colapso de 2008 — há espaço e necessidade para alternativas, o que torna os dias atuais ainda mais propícios a pesquisas originais e inovadoras.

Boa leitura!

Leandro Medrano

Editor-Chefe Revista PÓS

medrano@usp.br